

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano VIII — Número 88

Abril de 1970

ORAÇÃO DE LUTERO

«Ó onipotente e eterno Deus, quão terrível é este mundo! Eis que ele abre a boca para tragar-me, e eu tenho tão pouca confiança em ti.... Quão fraca é a carne, e quão forte é Satanás! Se eu tiver de pôr a minha confiança apenas na força deste mundo, tudo está acabado.... Chegou a minha última hora; foi proferida a minha condenação....

«Ó Deus, ó Deus!... Ó Deus, ajuda-me contra toda a sabedoria do mundo! Faze-o! Deves fazer isto.... Só Tu.... Pois esta obra não é minha, mas Tua. Nada tenho a fazer aqui, nada que disputar com os grandes deste mundo.

«Quisera que os meus dias decorressem de modo tranquilo e feliz, mas a causa é Tua.... e é uma causa justa e eterna. Ó Senhor, ajuda-me! Fiel e imutável Deus, não coloco a minha confiança no homem. Seria inútil. Tudo o que se relaciona com o homem é incerto. Tudo o que provém do homem é falível....

«Ó Deus, meu Deus, não me ouves?... Meu Deus, estás morto?... Não, Tu não podes morrer. Apenas estás a ocultar-Te, Tu me escolheste para esta obra. Tenho certeza disto.... Age, então, ó Deus!... Permanece ao meu lado, por amor de Teu amantíssimo Jesus Cristo, o qual é minha Defesa, meu Escudo e minha Fortaleza».

Após um momento de silenciosa luta, continua:

«Senhor, onde Te ocultaste?... Ó meu Deus, onde estás?... Olha, olha, eu estou pronto!... Estou pronto para depor a minha vida em favor de Tua verdade... com a resignação de um cordeiro, pois é por causa da justiça, por causa de Ti.... Jamais irei separar-me de Ti, nem agora nem através da eternidade....

«Ainda que o mundo esteja repleto de demónios — ainda que o meu corpo, que é obra de Tuas mãos, seja chacinado, seja estendido sobre a calçada, esquartejado, reduzido a cinzas,... minha alma pertence a Ti.... Tua Palavra é minha segurança. Minha alma pertence a Ti, e habitará para sempre contigo.... Amém.... Ó Deus, ajuda-me!... Amém».

Nota da Redacção: A oração acima foi proferida por Martinho Lutero ao aproximar-se da cidade de Worms, para comparecer perante a Dieta. Essa espécie de oração pode contribuir grandemente para promover reavivamento e reforma no tempo actual.

Versões Bíblicas em Português

por A. B. Christianini

Qual a melhor versão da Bíblia em nossa língua? Eis uma indagação difícil de ser satisfatoriamente respondida, mesmo porque entram em jogo preferências pessoais nem sempre guiadas por evidências científicas. Como disse abalizado mestre de Crítica Textual: «Nenhuma tradução é perfeita, nem quanto ao presente, nem quanto ao futuro». Isto, contudo, não invalida a inerrância bíblica como a Revelação de Deus ao homem, e ela é nossa única regra de fé e prática. Graças a Deus pela Sua Revelação! Alinhemos, de relance, as principais versões da Palavra de Deus em língua portuguesa.

Edição trinitária de 1883

Logo após sua fundação, a *Trinitarian Bible Society*, em Londres, cuidou de verter o Livro Santo em vários idiomas, inclusive em português, que saiu a lume em 1883. Esta primeira edição da Trinitária é muito disputada pelos adventistas da língua portuguesa, ao ponto de se pagarem somas fabulosas por um exemplar, hoje raríssimo. E por quê? Porque ela registra assim S. Luc. 23:43: «*E Jesus disse: Na verdade te digo hoje, que serás comigo no Paraíso*». E Apoc. 22:14: «*Bem-aventurados aqueles que guardam os seus Mandamentos, para que tenham acesso à árvore da vida, e para que entrem na Cidade pelas portas*». E assim I S. João 3:4: «*...pecado é quebrantamento da Lei*». Estes três textos, assim traduzidos, casam-se maravilhosamente com certos aspectos da doutrina adventista. Também Isa. 42:21: «*... engrandecerá Ele a Lei, e a fará ilustre*».

Entretanto, tirando esta aparente vantagem, a tradução, no demais, do ponto de vista técnico e diante de novas descobertas da Crítica Textual,

deixa muito a desejar, não é recomendável como um todo. A crítica especializada aponta-lhe sérios deslizes tradutórios no Velho Testamento, principalmente em alguns Salmos. A parte do Novo Testamento baseou-se no texto Receptus de 1624, que não é bom, e foi superado pelo trabalho de Tischendorf e posteriormente por Westcott and Hort, pelos papiros de Beatty, e mais recentemente pelo famoso e actualíssimo texto de Ebherad Nestle. Ora, os textos gregos modernos estão isentos de interpolações e inexactidões dos textos antigos, pois o trabalho da Crítica Textual consiste em restaurar, tanto quanto possível, o *texto original*. À guisa de exemplo, citemos a interpolação de I S. João 5:7 e 8, denominada, entre os estudiosos, de *comma johanneum*, e que consiste nas seguintes palavras: «*no Céu, o Pai, o Verbo, e o Espírito: e estes três são um. E três são os que dão testemunho na Terra*». Estas expressões foram colocadas na margem de uma cópia por um escriba, como comentário exegético; e outro copista as inseriu no texto. O facto é que nenhum manuscrito grego antigo a contém, embora Erasmo a tenha registado no seu texto, mas devido a uma fraude de que foi vítima. Só depois dos séculos 15 e 16 é que apareceu, com frequência, o «Comma johanneum», embora a Vulgata o tenha inserido antes.

A Versão Trinitária traz, embora em grifo o «Comma johanneum», falsa base para a prova da doutrina da Trindade.

O português desta primeira edição da Trinitária é simplesmente horrroso, arcaicíssimo e deselegante. É frequente o emprego de termos obsoletos e desusados, como «capros» (Lev. 16:3), «hum», «huma» (em vários passos), «olíbano» (Isa. 66:3), «grança» (Sal.

1:4), «adjurar» (Cant. 2:7), «grã» (Apoc. 17:3), «pontífice» (Heb. 2:17, e outros passos), e sobretudo a inadmissível grafia dos verbos no futuro («virão», por exemplo).

Cocófatos dos piores encontram-se por exemplo em II Sam. 1:3, Gén. 25:30, Ezeq. 45:24; 46:11; Sal. 102:6, Isa. 62:8, II Cor. 11:33; Heb. 11:27. É um verbo de sentido grosseiro em S. Luc. 2:6 e 7. A Versão Trinitária de 1883 Jamais é referida pelos eruditos, que a consideram destituída de valor crítico. Contudo, para nós adventistas, possui ela valor inestimável por causa da redacção de alguns textos que nos são caros.

Trinitária Revista

Circula em Portugal, há já algum tempo, uma edição revista da Trinitária, com a linguagem melhorada e actualizada, de acordo com a reforma ortográfica oficializada pela Academia de Ciências de Lisboa. Mas não melhorou o conteúdo, e foram alteradas certas redacções, inclusive de S. Luc. 23:43, que agora está como as demais versões: «*Na verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso*». E ainda conserva boa parte dos cacófatos, e incorrecções tradutórias. Os próprios evangélicos brasileiros não a apreciam.

Fundou-se recentemente no Brasil, a Sociedade Trinitariana do Brasil, com sede em S. Paulo, com permissão de fazer nova revisão da Bíblia Trinitária. No entanto, esta entidade, composta de fundamentalistas agressivos, ao que indicam suas circulares e publicações, propuseram-se fazer uma versão bíblica para satisfazer determinada corrente de pensamento evangélico.

A Bíblia de Figueiredo

Erudito português e padre, António Pereira de Figueiredo, teve sua Bíblia completa publicada em 1819. Com base na Vulgata, fez uma tradução péssima, com erros de sentido, além de

cacófatos e palavras grosseiras, ilegíveis em público, como em Êxodo 29:14, Lev. 4:11, Núm. 19:5 e outras que foram retiradas por revisões posteriores. Traduziu tendenciosamente I S. Ped. 5:5: «apoiando a honra dos padres». Ultimamente revisto e alterado para «obedecei aos mais velhos». Numerosos outros exemplos podiam ser citados. Figueiredo foi o primeiro a verter em português o *kuriakê hemera* de Apoc. 1:10 por «domingo». É interessante como obra de estudo comparativo de textos, mas não a tenho como a Bíblia de leitura diária. Acho-a deformadíssima. Os católicos a reimprimem.

Tradução Brasileira

Feita por uma comissão mista de estrangeiros e nacionais, à qual pertenceram o famoso gramático Eduardo Carlos Pereira, o matemático António Trajano, Hipólito de Campos, e os americanos W. C. Brown, J. M. Kyle. Em 1917 publicou-se a primeira edição completa, feita directamente dos originais com o auxílio dos textos de Figueiredo e Almeida. Linguagem primorosa e até poética em alguns pontos. Grave erro foi manter os nomes próprios exactamente como nos originais o que, a meu ver, a condenou à repulsa do povo, que achava estranho e difícil ler, por exemplo *Nebuchadnezzar*, em vez de Nabucodonozor. Devido à pouca aceitação, sua reedição, foi suspensa. O que é pena, pois é boa tradução.

Bíblia do Padre Matos Soares

Feita em Portugal, difundida a partir de 1932, com notas explicativas na margem, algumas absurdas e até ingénuas, mas com evidente objectivo de marcar a teologia romana. O próprio texto é entremeado de palavras acrescentadas em grifo, entre parêntesis, aparentemente para elucidar o sentido, mas na verdade para forçar a teologia católica. Por exemplo: para querer provar a vingança de Deus, assim

verte II Tim. 2:13: «Se não crermos (*se formos infiéis*), ele permanece fiel (às suas promessas e às suas ameaças), não pode negar-se a si mesmo (deixando de nos castigar). «Absudo!

Coisas piores há nessa versão. Muda arbitrariamente o tempo dos verbos em I Tim. 3:2 e Tito 1:6, dizendo que o bispo e o diácono «tenham desposado» uma só mulher, ou «tenha tido» uma só mulher, sugerindo que, no momento da ordenação, deviam estar viúvos. Isto para combinar com o dogma do celibato clerical.

Tradução péssima. Incorrecta e tendenciosa. Só serve para comparações críticas. Para leitura diária é inviável.

Editora Ave Maria

Presentemente está sendo muito difundida, entre católicos, essa versão. Feita sob os auspícios do Centro Católico de S. Paulo, com base na versão francesa dos monges beneditinos da Bélgica. Na verdade é tradução de tradução. Bem melhor do que a de Matos Soares. Em Ecls. 12:7 traduz «Sôpro de vida» em vez de «espírito». Das edições católicas, em português, é a melhor que conhecemos, embora com muitas incorrecções.

Almeida Antiga

João Ferreira de Almeida escreveu sua Bíblia, em Batávia, então capital de Java, onde se achava por medida de segurança, temendo a Inquisição. Do texto original de Almeida pouca coisa resta, tantas foram as revisões que sofreu. O preparo académico de Almeida era discutível o texto grego de que se serviu para o Novo Testamento não era bom, embora fôsse o melhor da época; o *Receptus*. Antes fizera um NT baseado no Códice de Beza, parte latina, depois abandonado. Almeida sofreu influência holandesa, de seus coadjutores. O Velho Testamento ficou inacabado até Ezequiel, quando Almeida faleceu em 1691. Só em 1753 foi publicada a Bíblia toda. Novas edições e revisões ocorreram em 1765, 1773, 1811, 1875, 1879 e 1894. A mais importante

se fez no Brasil, em 1942, pela Casa Publicadora Baptista, que a imprime presentemente para um organismo denominado Imprensa Bíblica Brasileira.

A linguagem da Almeida Antiga deixa muito a desejar, é dura, e não foi totalmente escoimada de disfonias e dacófatos, alguns bem grosseiros, como em Rute 1:15; II Sam. 1:3; Ezeq. 45:24; Isa. 62:8 e outros passos. Mantém inexplicavelmente a interpolação de I S. João 5:7 e 8, denominada «comma johanneum», a falsa prova da Trindade.

Acontece que o povo evangélico, de mais de uma geração, acostumou-se a ela, decorando muitos de seus versículos, plasmando-os no pensamento. Daí o não acostumar-se com uma versão moderna e alterada, embora para melhor. Muitos a preferem a qualquer outra. Mas é sofrível.

Almeida Revista e Atualizada

Revisão revolucionária feita pela Sociedade Bíblica do Brasil, totalmente isenta de malsonâncias e cacofonias, redigida em vernáculo castiço e primoroso. As últimas edições indicam entre colchetes textos ou porções que não constam dos antigos manuscritos. Foi eliminado o «Comma johanneum» de I S. João 5:7 e 8. A Bíblia completa foi primeiramente publicada em 1959. Afora alguns preciosismos literários, isto é, emprego de termos rebuscados e eruditos como: «sachar» (Isa. 5:2 e 6), «acrisolar» (Sal.66:10; Jer. 9:7), «excogitar» (Sal. 64:6), «prevaricações» (Êxo. 33:10), «inculcando-se» (Rom. 1:22), «adágio» (II S. Ped. 2:22), «gazofiláceo» (S. Luc. 21:1), a linguagem é a melhor que conhecemos de quantas versões bíblicas existem em nossa língua. Contudo, ainda não é a tradução ideal. Padece de muitos senões. A tradução de alguns salmos é discutível, principalmente Sal. 91:1-3, e a crítica especializada aponta-lhe outros lapsos de tradução, além da acusação de caminhar para o ecumenismo e o modernismo teológico. Alguns senões, contudo, estão sendo sanados, como Actos 17:2 que voltará a regis-

Continua na pág. 8



A perfeição da Igreja do Resto

(Primeira Parte)

Quando? Como?

O Movimento adventista nasceu de uma justa compreensão da doutrina da purificação do santuário mencionada em Dan. 8:14. Esta verdade é um dos antigos marcos que devemos conservar porque foi colocado pelos nossos pioneiros.

Esta purificação do santuário era prefigurada, no sistema levítico, pelo dia das expiações, no qual as cerimônias simbolizavam o libertamento final do pecado. Não nos devemos surpreender se o versículo do livro de Daniel foi interpretado de maneiras diferentes. Lembremo-nos das afirmações errôneas defendidas no seio da Igreja primitiva.

Alguns cristãos de origem judaica pretendiam que os Gentios não podiam ser salvos sem a circuncisão. Os apóstolos demonstraram que isso não tinha qualquer valor. Outros cristãos vindos do judaísmo asseguravam que a nacionalidade judaica os impedia de tomar uma refeição com os pagãos. Paulo declarou que isto era contrário ao espírito do Evangelho. Algumas pessoas, pretensos cristãos afirmavam ainda que a ressurreição já tinha tido lugar. O apóstolo Paulo denunciou este erro porque, dizia ele, a ressurreição não terá lugar antes da vinda do Senhor Jesus. Ignoramos durante quanto tempo estas pessoas mantiveram seus pontos de vista errôneos. Sabemos, no entanto, que apesar destes erros, destes pontos de vista divergentes, a verdade triunfou.

No passado, a Igreja adventista ensinou que as faltas dos cristãos vitoriosos seriam apagadas do livro dos pecados no momento do julgamento. Os

que estiverem vivos no fim do tempo da graça serão selados na justiça e na santidade. Serão assim preservados do pecado quando, durante as sete últimas pragas, deverão subsistir sem intercessor. Quando da volta de Cristo, seu corpo mortal, com a carne do pecado, será transformado num corpo imortal do qual todo o vestígio de pecado terá desaparecido. As tendências para o mal e os vestígios do pecado, assim como o perigo de voltar a cair não desaparecerão portanto, antes da volta do Senhor.

Podemos confiar plenamente neste ensino, porque foi confirmado por Ellen G. White.

Durante estes últimos anos, começou a espalhar-se uma nova teoria acerca da extirpação do pecado por ocasião da purificação do santuário. Quando o nome do que vence o mal é apagado do livro dos pecados, sua natureza pecadora e os vestígios do pecado, o seriam ao mesmo tempo na carne, como na realidade deve acontecer pouco antes do fim do tempo da graça. Se isso fosse verdade, poderia portanto atingir uma perfeição superior à de Paulo, João ou qualquer outro cristão dos séculos passados.

Esta nova teoria é propagada por um antigo adventista, Robert Brinsmead. É defendida num livro de Peter Jarnes, «*The Sanctuary Restored*» (*O Santuário purificado*).

Os adeptos desta nova explicação pretendem que ela é verdadeira. Os que permanecem ligados à antiga concepção pensam também ter razão. Mas, qual é

na realidade o ensino das Sagradas Escrituras?

Só temos um meio de nos salvaguardarmos do erro. «Examinai tudo. Retende o bem»; I Tessal. 5:21 «À Lei e ao Testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva». Isaías 8:20.

Não poderemos perfeitamente compreender este assunto se não tivermos em consideração o significado da palavra *pecado* nas Escrituras. Se perguntarmos a um adventista o que é o pecado, responderá imediatamente: «Qualquer que comete pecado, também comete iniquidade; porque o pecado é iniquidade». I João 3:4.

O pecado é a transgressão da lei divina, em pensamento, em palavra ou acção. Pecar é falhar o objectivo que a Palavra de Deus nos propõe, é ficar abaixo do ideal manifestado no carácter de Jesus. Consequentemente, «Toda a iniquidade é pecado». I João 5:17. «E tudo que não é de fé é pecado». Rom. 14:23. Saber o que é verdadeiro e não o por em prática é igualmente um pecado. (Ver Tiago 4:17). O pecado é a rejeição da luz (João 15:22, 24), é falta de fé em Jesus (João 16:10).

A palavra «pecado» é também utilizada para designar a natureza má que todo o ser humano herda desde a desobediência de Adão. «Por causa do pecado, a sua posteridade tem tendências natas para a desobediência» *S.D.A. Bible Commentary, citação de Ellen G. White sobre João 1:1-3, 14, pág. 1128*. O Salmista declara: «Eis que em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe». Sal. 51:5. Não se trata de uma determinada transgressão da Lei, porque nenhuma má acção foi praticada quando David foi concebido. É uma referência à natureza pecadora que todo o homem herda ao nascer.

Há portanto dois aspectos do pecado. Pode ser uma transgressão da lei em pensamento, palavras ou acções, ou a natureza má, inscrita na carne com que vimos ao mundo. Paulo fala do pecado que habita nele, da lei do pecado que está em seus membros (Rom. 7:20-23).

O plano estabelecido por Deus para resolver o problema do pecado pode ser assim resumido: quando recebemos Jesus como nosso Salvador pessoal, sua justiça imputada permite-nos obter o perdão de todas as nossas transgressões do passado. Se nos apropriarmos da justiça comunicada pela fé, seremos libertos do poder do pecado e preservados de toda má acção.

Se perseverarmos na obediência da fé, Cristo, por sua vez, transformará nosso corpo mortal e manchado pelo pecado num corpo imortal e puro. (Fil. 3:20, 21; I Cor. 15:50-54). É nesse momento e dessa maneira que a natureza pecadora e todos os vestígios do pecado serão completamente extirpados de nosso ser. Isso não poderá acontecer antes que o nosso corpo tenha sido transformado.

A santificação que se opera na vida do crente quando este depende da justiça de Cristo liberta-o do poder do pecado. Pode assim ser vitorioso sobre o mal. Mas a Bíblia não apresenta nenhum caso em que a natureza pecadora tenha sido extirpada antes que o corpo seja transformado, quando da volta do Senhor.

A Bíblia mostra claramente que o dia das expiações simbolizava unicamente a purificação dos pecados na qualidade de acções. Lemos o seguinte:

«Porque naquele dia se fará espição por vós, para purificar-vos; e sereis purificados de todos os vossos pecados perante o Senhor». Lev. 16:30.

No dia das expiações, os Israelitas deviam humilhar-se, arrepender-se de todos os seus pecados. Desta maneira, enquanto o Sumo Sacerdote purificava o santuário, o templo de suas almas selo-lha igualmente. Mas em caso algum sua natureza pecadora podia ser aniquilada pela purificação do santuário.

Esta purificação incluía o arrependimento e a libertação de acções culpáveis que tinham sido confessadas sobre a cabeça dos animais oferecidos em sacrifício durante todo o ano. Sobre este assunto, eis as indicações dadas a Moisés:

«E Aarão porá ambas as mãos sobre a cabeça do bode vivo, e sobre ele confessará todas as iniquidades dos filhos

de Israel, e todas as suas transgressões, segundo todos os seus pecados; e os porá sobre a cabeça do bode, envia-lo-á ao deserto, pela mão de um homem designado para isso. Assim aquele bode levará sobre si todas as iniquidades deles à terra solitária; e enviará o bode ao deserto.» Lev. 16:21, 22.

É portanto uma certeza que a purificação do santuário não diz respeito, senão aos actos dos quais somos culpados. Não implica de forma alguma a extirpação do pecado nato na carne dos crentes. O antítipo encontra o tipo. Seria igualmente contrário à Palavra de Deus incluir o aniquilamento da natureza pecadora na purificação do santuário celeste mencionado no texto de Daniel 8:14.

Porque razão esta carne pecadora só é transformada no momento em que o corpo se torna imortal? É necessário que os mortos ressuscitem e que seus corpos recebam a incorruptibilidade e a imortalidade para que a natureza pecadora desapareça da carne.

A Palavra de Deus declara: «O sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado.» I João 1:7. A palavra pecado diz aqui respeito às más acções. Graças ao sangue de Jesus, todos pecados cometidos no passado, palavra ou acção são cobertos e perdoados.

«Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa o pecado!» Rom. 4:8. Quando o Senhor «imputa as obras sem a justiça» (v. 6), isso supõe que nenhuma transgressão é imputada ao crente. Este é aceite diante de Deus como se nunca tivesse pecado. Revestido da justiça de Cristo, é irrepreensível. Significa isso que não voltará a pecar ou que não poderá mais pecar, que sua natureza caída não tem mais nenhuma tendência para o mal? Certamente que não.

Depois de I João 1:7, leíamos a frase seguinte:

«Se dissermos que não temos enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós.» I João 1:8.

Ao lermos em conjunto os versículos 7 e 8, tudo se torna claro. Quando somos purificados de todo o pecado pelo sangue de Jesus, não podemos dizer que

não há mais nenhum pecado em nós, porque ele subsiste em nossa carne. O facto de permanecer em Cristo não liberta o cristão do pecado que habita em sua carne.

Esta verdade é confirmada por uma declaração muito explícita do Espírito de Profecia: «Não podemos dizer:» Eu não tenho pecado, «enquanto que o nosso corpo mortal não tenha sido transformado à imagem de seu corpo glorioso.» (*E. G. White, Signs of the Times, 23 de Março de 1888.*)

«Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos.»

Se um cristão já não comete nenhuma falta, não é por essa razão que se encontra liberto das tendências carnis. O apóstolo ensina-nos que se o cristão regenerado afirmar que não tem qualquer pecado, engana-se a si mesmo.

Não nos enganemos. Isto não supõe que o adventista deve continuar a pecar em pensamento, palavras ou acções. Pelo contrário, isso significa que todo o adventista deveria obter uma vitória total sobre toda a má palavra e acção, como ensina o apóstolo Paulo.

«Que diremos pois? Permaneceremos no pecado? para que a graça abunde? De modo nenhum, Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele? Rom. 6:1, 2.

O verdadeiro cristão morreu para o pecado e vive para Deus por Jesus Cristo. Se morreu para o pecado, não pode continuar a praticá-lo. Se oferece a Deus os membros de seu corpo como instrumento de justiça, o pecado não terá mais qualquer poder sobre ele. (Ver Rom. 6:13-15.)

O que nasceu de novo, não volta a praticar o pecado (I João 3:9). Mas depois do novo nascimento, deve continuar a combater diàriamente contra sua natureza má, contra o pecado que habita na sua carne.

«Devemos combater ininterruptamente o egoísmo a corrupção de nosso coração.» *Test. vol. 5, p. 397.* O pecado na qualidade de corrupção de nossa natureza humana subsiste no coração do cristão regenerado.

«Devemos combater nossas más tendências, toda a exteriorização do mal.» *R. and H., 29 de Novembro de 1887.*

«Devemos lutar todos os dias e com todas as nossas forças contra o mal, esteja ele manifestado ou escondido em nós.» *R. and H., 30 de Maio de 1882.*

A Sagrada Escritura também nos diz o seguinte: «Não reine portanto o pecado em vosso corpo mortal, para lhe obedecerdes em suas concupiscências;» Rom. 6:12. Quando um cristão se consagra inteiramente ao Senhor, o pecado não o domina, mas apesar de tudo permanece nele.

João Wesley declarou: «Reconhecemos que os crentes são libertos da culpabilidade e do poder do pecado, mas negamos que sejam libertos de sua natureza pecadora». *Sermões, p. 21.*

Para receber a chuva serôdia e estar assim preparada para resistir durante o tempo de angústia, e ser transformada por ocasião da volta de Cristo, a Igreja remanescente deve conseguir uma vitória completa sobre toda má palavra e acção. «Vi que ninguém poderia participar do 'refrigério' (quer dizer a chuva serôdia), a menos que obtivesse a vitória sobre toda tentação, orgulho, egoísmo, amor ao mundo, e sobre toda má palavra e acção.» *Primeiros Escritos, p. 71.*

Isto implica uma vitória total sobre toda má palavra e acção. Mas não significa que a natureza pecadora será extirpada de nossos corpos mortais durante a purificação do santuário.

A nova teoria que apresentámos está portanto em contradição com os ensinamentos da Palavra de Deus. Por essa razão não a podemos aceitar. Seria preferível que o povo de Deus abandonasse estes ensinamentos errôneos e se unisse para pregar a mensagem do terceiro anjo! Mais do que nunca necessitamos das verdades reveladas em Apoc. 14:6-12. Quão preferível seria que o dinheiro utilizado para imprimir livros, brochuras e periódicos que espalham estas teorias entre nós, fosse utilizado para a pregação da tríplice mensagem angélica às multidões que ignoram tudo acerca das profecias escatológicas, da observância do Sábado e outras verdades para o nosso tempo!

Necessitamos todos de aceitar plenamente a mensagem à igreja de Laodicéia. Devemos passar pela experiência

do arrependimento que tornará possível um verdadeiro reavivamento e provocará uma profunda reforma. Virá então o refrigério que nos preparará para a volta de Cristo. É preciso obter agora a vitória sobre todas as más acções e sermos libertos do poder do pecado, para que todas as tendências para o mal e todos os vestígios do pecado sejam extirpados do nosso ser quando Cristo, por ocasião de sua vinda, glorificar o nosso corpo.

A purificação do santuário celeste corresponde à fase do julgamento que precede a vinda de Jesus. O resultado deste julgamento, será de apagar o nosso nome do livro dos pecados, ou de o tirar do livro da vida e deixá-lo no outro livro. Qual será o nosso caso? Não será isso um convite para nos consagrarmos inteiramente ao Senhor?

J. L. Shuler

(*The Ministry, out. 69, p. 9-12.*)

Versões em Português

Continuação da pág. 4

trar «por três sábados» em vez de «por três semanas». Ainda, a nosso ver, poderiam ser revistos Sal. 77:13, Prov. 18:24, Apoc. 20:13, Lev. 16:8 e outros passos.

Concluindo direi que, apesar dos senões que contém, a Almeida Revista e Atualizada é ainda o melhor texto da Bíblia em português. O mais gostoso de se ler.

Outras Versões

Ultimamente têm surgido novas versões católicas, em grandes volumes, e até em fascículos, como A Bíblia Mais Bela do Mundo, e outra editada pela Barsa. O texto é bom de se ler, mas todas padecem da tendenciosidade peculiar das edições católicas, que é abonar os dogmas da Igreja. Devem ser lidas como obras de consulta e comparação.

Em Contacto com o próximo

pela Irmã White

Todas as relações sociais exigem o exercício do domínio próprio, da indulgência e da simpatia. Diferimos tanto uns dos outros, em disposições, hábitos e educação, que muito variam, entre si, as nossas maneiras de ver as coisas. Por isso, cada um de nós julga diferentemente as mesmas coisas. A nossa compreensão da verdade, as nossas ideias em relação às normas de vida, não são idênticas em todos os aspectos. Não há duas pessoas, cuja experiência, seja idêntica, em cada pormenor. As provas de uma não são as da outra. Os deveres que para uma se afiguram leves, são para outra, mais difíceis e inquietantes.

A natureza humana é tão fraca, tão ignorante e sujeita ao erro, que todos devemos ser cautelosos na maneira de julgar o próximo. Pouco sabemos da influência dos nossos actos sobre a experiência dos outros. O que fazemos ou dizemos pode parecer-nos de pouca monta, ao passo que, se os nossos olhos se abrissem, veríamos que daí resultam as mais importantes consequências, tantos para o bem, como para o mal.

Muitas pessoas têm desempenhado tão poucas responsabilidades; o seu coração tem experimentado tão pouco as verdadeiras angústias; têm sentido tão poucas perplexidades e preocupações em auxiliar o próximo, que não podem compreender o trabalho de quem tem verdadeiras responsabilidades. São tão incapazes de apreciar os seus trabalhos, como é a criança de compreender os cuidados e fadigas do pai, quando está preocupado. A criança admira-se dos temores e de perplexidade do pai: parecem-lhe inúteis. Mas quando os anos da experiência lhe derem experiência, quando tiver de arcar com as próprias responsabilidades, então olhará de novo para o pai, e compreenderá o que outrora lhe era incompreensível. Foi a amarga experiência que lhe deu o conhecimento.

Sejamos simpáticos

A obra de muitas pessoas que têm responsabilidades não é compreendida, nem são apreciados, devidamente, os seus trabalhos, senão depois de terem sido abatidas pela morte. Quando outros retomam as funções que aqueles exerciam, e defrontam as dificuldades que eles encontraram, é que então compreendem quanto a sua fé e ânimo foram provados. Muitas vezes perdem de vista, então, os erros que estavam tão prontos a censurar. A experiência ensina-lhes a simpatia. É Deus quem permite que os homens sejam colocados, em posições de responsabilidade. Quando erram, tem poder para os corrigir, ou para os retirar do cargo que exercem. Devemos acautelarmo-nos de não tomarmos nas nossas mãos o direito de julgar, pois tal direito pertence a Deus.

A conduta de David para com Saúl contém uma lição. Por ordem de Deus, Saúl fora ungido rei de Israel. Devido, porém, à sua desobediência, o Senhor declarou que o reino lhe seria tirado; e, contudo, quão amável, atenciosa e indulgente foi a conduta de David para com ele! Procurando Saúl tirar a vida a David, dirigiu-se para o deserto, e sozinho penetrou numa caverna, onde precisamente, David e os seus homens de guerra estavam escondidos. «Então os homens de David disseram-lhe: Eis aqui o dia, do qual o Senhor te diz eis que te dou o teu inimigo nas tuas mãos, far-lhe-ás como te parecer bem aos teus olhos... E ele disse aos seus homens: O Senhor me guarde de que eu faça tal coisa ao meu senhor, ao ungido do Senhor, estendendo eu a minha mão contra ele: pois é o ungido do Senhor».

O Salvador ordena-nos: Não julgueis para que não sejais julgados. Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que ti-

Continua na pág. 12

Teriam os Católicos canonizado a Sr.^a Ellen White?

pelo Pastor Ingemar Lindén

Professor de Bíblia na Suécia

No decorrer de investigações sobre a história da nossa Denominação, descobri um interessante estudo sobre a Senhora White, redigido por uma socióloga alemã, a Dr.^a Irmgard Simon. Em 1965, ela publicou uma tese de doutoramento sobre os Adventistas do 7.º Dia. Eis alguns extractos dessa tese:

«Será possível que uma mulher em desvantagem pela falta de instrução e por uma saúde deficiente tenha podido realizar uma obra tão importante e de um tão grande alcance? Várias respostas foram dadas a esta pergunta.

«Eis, segundo a minha opinião, a melhor explicação que se pode dar para este extraordinário acontecimento. A Senhora White tinha a vantagem de possuir uma sólida formação religiosa e uma fé inabalável. Suas visões deram-lhe a certeza de ter recebido uma missão de carácter especial. Além disso, tinha talentos excepcionais e era dotada de uma imaginação bastante viva. Ávida de conhecimentos, procurava continuamente desenvolver suas faculdades. Era perita na arte oratória e na interpretação das Sagradas Escrituras. Distinguia-se ainda pelos seus brilhantes dons de organizadora. Sua convicção de ter sido objecto de uma escolha da parte do Senhor dava-lhe energia, paciência e perseverança.

«Seu nível moral era bastante elevado e encorajava os que viviam ao seu redor a viverem segundo o mesmo ideal. Em sua maneira de considerar os diferentes elementos constituintes da pessoa humana, corpo, alma e espírito, demonstrava possuir conhecimentos bastante avançados para sua época. Corajosa e conseqüente, lutava no seio de sua comunidade para resolver diferentes problemas para os quais, sem sua ajuda, sua Igreja levaria vá-

rios decénios para encontrar as soluções.

«Sua estreita comunhão com Deus não lhe fazia perder o sentido das realidades. Antes pelo contrário, ela preocupava-se com numerosos problemas da vida corrente. Ellen G. White tinha um único objectivo; trabalhar para desenvolver a prosperidade espiritual da Igreja que servia a fim de que, por meio de uma vida conforme a vontade de Deus, seus membros estejam preparados para fazer parte da «Igreja remanescente».

«Os princípios que eram do seu conhecimento, punha-os em prática adaptando-se às circunstâncias, e não num espírito fanático; porque ela lutava contra toda a espécie de fanatismo. Ellen G. White era uma mulher cheia de sabedoria e de autoridade; possuía igualmente uma forte personalidade. Entregou-se inteiramente ao Movimento que tinha suscitado. Abandonando o 'mundo', esforçou-se continuamente por romper todos os laços que a prendiam ao mundo, e por ganhar almas para Jesus.

«Compreenderemos facilmente que uma pessoa empenhada numa tal acção e desempenhando um papel tão importante tenha sido objecto de severas críticas, sobretudo tratando-se de uma mulher».

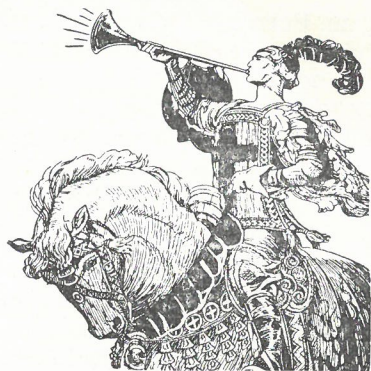
No seu livro, a Dr.^a Simon pergunta se a Senhora White não deveria ser considerada como uma das célebres místicas da Igreja. Ela pretende que não há nenhuma explicação científica para as suas visões e para as suas experiências extraordinárias. Um historiador católico, M. Rehner declara que a Senhora Ellen White poderia ter sido

Continua na pág. 16

Página

da

Juventude



Jovem, teu Pai te chama

Tive o privilégio de visitar o campo de batalha, nos Estados Unidos, onde se travou uma das mais terríveis lutas durante a guerra civil americana. O país estava dividido em duas partes: Norte e Sul. Os grandes exércitos de irmãos e patrícios chocaram-se numa terrível batalha de três dias. Lee, que liderava o exército confederado estava num lugar chamado Seminary Ridge, para o lado oeste; Meade, com as forças do norte, estava na Colina do Cemitério para o lado leste — a uma milha de distância. Estes dois grandes homens, formados pela mesma escola militar, membros da mesma classe, colegas de escola, encontraram-se para decidir o destino de uma grande nação.

Toda a América permaneceu suspensa aguardando o resultado daquela grande batalha. As linhas de telégrafo do sul haviam sido destruídas. Pessoas se agrupavam no escritório da cidade de Richmond para saber o que havia acontecido ao exército do norte da Virgínia. A cidade de Washington estava temerosa, à espera de que esta fôsse a hora da crise, que a capital fôsse logo invadida, Harrisburg fôsse queimada e o norte industrial fôsse conquistado. Tudo poderia acontecer!

A batalha durou três dias, de 1 a 3 de julho de 1863. Bravos homens da mesma família lutavam constantemente. No Seminary Ridge, duzentos

canhões atiravam a cada instante, lançando fogo aos céus e formando uma coluna de fumaça. De repente, detrás desta coluna de fumaça, depois de silenciarem os canhões, surgiram 20.000 homens vestidos de cinza. Era a Brigada de Pickett, pronta para uma das mais poderosas avançadas da História. Vieram em silêncio e, de repente, deram o «Grito dos Rebeldes».

Então algo terrível aconteceu. Um oficial da União, que muitos dizem haver desobedecido ordens, carregou um canhão para o Little Round Top, e começou a atirar contra aquelas fileiras. Fila após fila foi lançada ao solo. A seguir os canhões do exército da União foram levados para a colina e despejaram uma chuva de morte sobre os soldados em cinza.

Finalmente, a grande maré atingiu o ângulo ensanguentado de um velho muro de pedras, e avançou 300 metros. Lá estava a força máxima da Confederação. Então aí pararam os canhões e lentamente tudo silenciou. A última esperança dos Confederados havia desaparecido. O dia declinava no horizonte e a escuridão se aproximava, dando a Lee a oportunidade de recuar.

O presidente Lincoln telegrafava continuamente para Meade: «Persiga o inimigo. Quebre seu poder. Agora é a oportunidade de finalizar a guerra e terminar com o derramamento de san-

gue. Persiga!» Mas o exército da União não se moveu. Estava muito fraco para acossar o inimigo. Seus generais talvez estivessem com medo do grande general Lee. E apesar de haver esperado diversos dias para que o rio Potomac voltasse ao normal, não o atacaram.

Naquela noite terrível, depois da batalha de Gettysburg, 50.000 mortos e feridos estavam espalhados pelo campo de batalha. Do local chamado «Caverna do Diabo» ou «Morrinho Redondo», dum campo de trigo talvez, ou da floresta, podiam-se ouvir os gemidos e o choro. Que noite de horror! Havia poucos para cuidar dos que morriam.

Mais ou menos às 21 horas, uma pequena luz foi vista movendo-se de um lado para outro naquele campo. Era um homem com uma lanterna. Um velho fazendeiro *Quacre*, de uma pequena vila, não muito distante dali, estava procurando seu filho que pertencia ao exército da União. Para em em todos os montes de mortos e feridos, olha para cada rosto e chama: «João Hartman, teu pai te chama!»

Um pouco mais adiante ouve um ferido dizer: «Se fôsse meu pai!»

Vai então um pouco além, para o lado da Caverna do Diabo, levanta a lanterna e chama novamente pelo filho: «João Hartman, teu pai te chama!»

Entre os soldados que gemiam e os que blasfemavam, o pai ouve à distância uma voz bem fraca, fraquinha mesmo, mas os ouvidos de amor estavam atentos. «Aqui, para; aqui, papá. Por aqui, papá!»

Finalmente o pai localiza o filho entre os mortos e os feridos. Estava ele todo ferido e coberto de sangue, muito fraco. Com braços fortes o pai levanta o rapaz, coloca-o sobre os ombros e leva-o para casa para curá-lo, amá-lo e vê-lo viver.

Queridos jovens, vosso Pai celestial vos chama. Nos campos negros da tristeza desta Terra cheia de conflitos há a luz do evangelho eterno.

Em Contacto com o Próximo

Continuação da pág. 9

verdes medido, vos hão-de medir a vós». Lembrai-vos de que, dentro em breve o relato da vossa vida passará em revista diante de Deus. Lembrai-vos de que Ele disse: «És inexcusável, quando julgas, ó homem pois tu que julgas, fazes o mesmo».

Preciosa vitória sobre o Eu

Não podemos permitir que o nosso espírito se irrite por algum mal real ou suposto, que nos tenha sido feito. O inimigo que mais devemos temer é o nosso próprio eu. Nenhuma forma de vício tem efeito mais funesto sobre o carácter do que a paixão humana, quando não está sob o domínio do Espírito Santo. Nenhuma vitória que possamos ganhar será tão preciosa, como a vitória sobre nós mesmos.

Não permitamos que a nossa susceptibilidade seja facilmente ferida. Devemos viver, não para vigiar sobre a nossa susceptibilidade ou reputação, mas para salvar almas. Quando estamos interessados na salvação das almas, deixamos de pensar nas pequenas divergências que possam levantar-se entre uns e outros, na associação mútua. Seja o que for que os outros pensem de nós, ou procedam para conosco, nunca será necessário que perturbemos a nossa comunhão com Jesus, a nossa companhia com o Espírito Santo.

«Que glória será essa, se, pecando, sois esbofeteados e sofreis? Mas, se, fazendo bem, sois afligidos e sofreis, isso é agradável a Deus»...

Entrega o teu caminho ao Senhor, confia n'Ele e Ele tudo fará. E fará sobressair a tua justiça como a luz, e o teu juízo como o meio-dia». — *A Ciência do Bom Viver*.

Visado pela Censura

Notícias do Campo

Sob a direcção e o espirito missionário do Pastor José Falcão Sincera a Igreja Adventista de Luanda ascende para o alvo que a responsabiliza: dizer aos 620.000 habitantes desta cidade, dos quais o maior número desconhece ainda o nosso nome denominacional, que JESUS EM BREVE VIRÁ.

O Espirito Santo, entristecido pelas nossas negligências e desamor, deseja com veemência qualificar-nos para a consumação do mais glorioso empreendimento. A Sua actuação, porém, não é compatível com a desordem, a indisciplina, a arbitrariedade...

Recursos? Temo-los de sobra, apesar de tudo. A extensão da seara não justifica a extinção progressiva do espirito missionário. Todavia se mais não tivéssemos do que cinco pães e dois peixes, o milagre se repetiria.

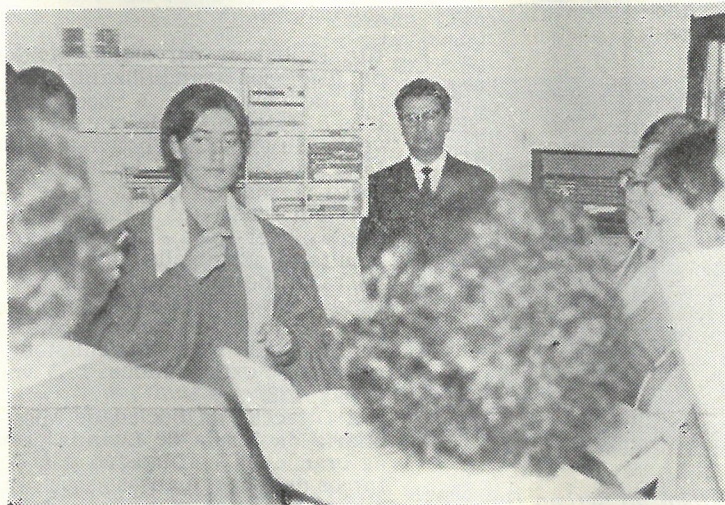
Os anjos, tão diligentes e pressurosos no afã da última hora, observam com espanto a indiferença do povo que professa crer na iminência da volta de Jesus. Contudo, vozes contemporizadoras se levantam, aqui ou ali, lembrando que «nem tudo está perdido»! O povo diz o mesmo por outras palavras: «entre mortos e feridos alguém há-de escapar»! Mas, «terrível é a quantidade de



O grupo Coral da Igreja Adventista de Luanda no momento em que entoava o cântico «Tudo é Paz» num dos gabinetes técnicos da Rádio «A Voz de Luanda»

culpa que pesa sobre a Igreja. Por que não estão os que possuem a luz desenvolvendo diligentes esforços para levá-la a outros? Vêem que o fim está perto. Vêem multidões transgredindo diariamente a lei de Deus; e sabem que essas almas não podem salvar-se em transgressão. Têm todavia mais interesse em seu comércio, suas plantações, suas casas, suas mercadorias, seus vestidos, sua mesa, do que nas almas de homens e mulheres que devem encontrar face a face no juízo. O povo que pretende obedecer à verdade acha-se adormecido». T. S. vol. 2 pág. 157.

Quem ousaria contestá-lo? Individualmente, mas talvez de cima para baixo carecemos do despertamento e da reforma tão angustiosamente recomendada pelo Céu! Gravitamos num círculo vicioso: não trabalhamos porque não despertamos; não despertamos porque não trabalhamos. Cremos que a ruptura do ciclo terá de ser feita pelo trabalho. Alguns, de entre nós, não estão satisfeitos com o seu próprio estado nem com a apostasia reinante. Esses são os que «suspiram e gemem por causa de todas as abominações que se



Durante a visita efectuada à Rádio «A Voz de Luanda»

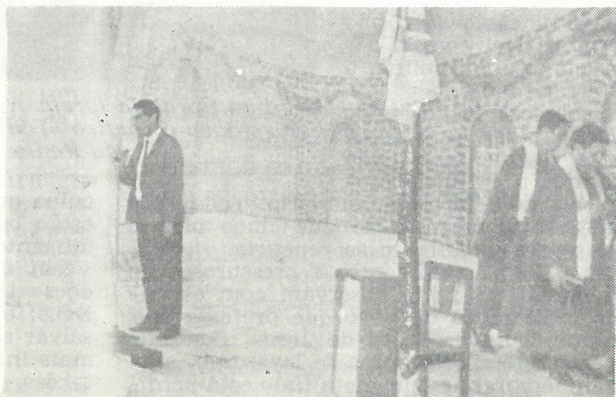


Hora de Meditação na noite de Natal

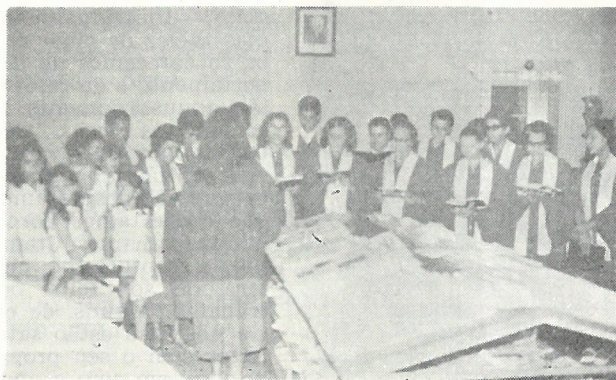
A melhor dietética será praticamente infrutífera se não for judiciosamente acompanhada de exercício.

O Senhor concedeu-nos o mais puro Alimento. Alimento completo. Alimento que nos é servido cada vez em maior abundância: é a devoção matinal, é o ano bíblico, é a lição diária da escola sabatina, são os cultos de oração, são as pregações, as conferências, as convenções, os congressos... —um lauto e contínuo banquete que nos deixa pesados e sonolentos, pior ainda, desnutridos, na concepção científica do termo, por ausência de activo exercício missionário.

Qual será o nosso destino eterno se permaneceremos afundados nos bancos da Igreja, predispostos tão somente à satisfação de um ape-



O Pastor Sincer apresenta as saudações da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Luanda às autoridades e aos reclusos que assistiram ao nosso programa na Cadeia Civil



Saudações de Igreja Adventista do Sétimo Dia à Redacção do Jornal «A Província de Angola»

cometem no meio de Jerusalém» a quem o «homem vestido de linho e que tinha o tinteiro de escrivão à sua cinta marcará com um sinal as suas testas» Ezeq. 9. A pressão das circunstâncias não nos esmagara. Não se deixarão vender nem subjugar pela supremacia do dinheiro ou da posição social. A incompreensão dos poderosos robustecerá cada cada vez mais a sua fé. «A multidão de anjos da guarda em seu redor fora duplicada, e estavam revestidos de uma armadura da cabeça aos pés. *Marchavam em perfeita ordem, semelhantes a um grupo de soldados*» Vida e Ensinos, págs. 174 175.

A inércia ocasiona debilidade. «Enquanto os membros da igreja não fizerem esforços para dar aos outros o auxílio que lhes é dado tem que resultar disso grande debilidade espiritual». T. S. vol. 3, págs. 81 e 82.

tite espiritual pervertido, ávidos de discursos tranquilizantes, vazios de mensagem, a escorraçarmos o testemunho da testemunha verdadeira? «Caso houvesse metade dos sermões e duplicado esforço pessoal fosse feito pelas almas em seus lares e nas congregações, ver-se-ia surpreendente resultado. «Evangelismo, pág. 430. «A razão de não haver mais profundo fervor religioso, nem mais ardente amor uns pelos outros na Igreja, é que o espírito missionário vem-se extinguindo». T. S. vol. 2, pág. 128.

A Direcção da Sociedade Missionária da Igreja de Luanda pede as orações, a conjugação dos esforços de todos quantos «suspiram e gemem» e não dispostos a depor as armas nem a conformar-se com

o abrandamento das normas, antes desejam despertar pelo trabalho e ajudar a Igreja a ascender para o alvo que a responsabiliza: dizer aos 620.000 habitantes desta Cidade, dos quais o maior número desconhece ainda o nosso nome denominacional, que JESUS EM BREVE VIRÁ.

Em Dezembro do ano findo o Pastor Sincer idealizou um expressivo programa composto de cânticos religiosos, poesias e breves comentários, destinado a levar a mensagem de Natal e o nome da Igreja Adventista do Sétimo Dia a alguns Organismos e Instituições Públicas. Deus inspirou e abençoou esse singelo programa que teve, igualmente, a assistência das Irmãs Amélia Sincer, Lourdes Pereira da Silva e Júlia Rosa.

Na noite de 24, véspera de Natal, após uma hora de meditação — hora inesquecível pela solenidade dos números apresentados, a caravana missionária partiu rumo à Rádio «A Voz de Luanda». Foi com comovida surpresa que o pessoal técnico em serviço viu entrar, devidamente uniformizados, os vinte componentes do Coral da Igreja. O Pastor apresentou as saudações cristãs da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Luanda e fez votos pelas prosperidades daquela Estação Emissora. O Grupo Coral entoou cânticos de paz e de glória a Deus. A jovem Ana Maria Sincer colaborou com uma poesia alusiva à revelação bíblica do nascimento de Jesus.

Cerca da meia noite e já de regresso ao ponto de partida após a condução de alguns membros do coro a suas casas, tivemos o inesperado prazer de ouvir o nosso programa de boas-festas que estava no ar entretecido com as palavras de agradecimento do locutor que votou igualmente pelo êxito da Causa Adventista.

Sábado, 27, o destino era diferente: levar o conforto da nossa mensagem aos simpáticos velhinhos do Beiral de Luanda. Cerca das 16 horas eramos gentilmente recebidos pela dirigente da Instituição, Ex.^{ma} Senhora D. Elvira da Silva Ramos. O programa foi do agrado daqueles cansados e encanecidos peregrinos, um dos quais nos segredava, visivelmente emocionado, nunca ter visto programa igual. Efectivamente havia lágrimas nos olhos enrugados de alguns velhinhos. Não esqueceremos o sentimento com que a Senhora D. Elvira nos pediu que voltássemos e orássemos por si. Que o Senhor abençoe a semente lançada naqueles corações através dos cânticos, das poesias, dos números infantis, das palavras proferidas!

As nossas crianças recordarão sempre com entusiasmo a surpresa que a Senhora D. Elvira Ramos tão carinhosamente lhes reservara.

Domingo, 28, pelas 9 horas novas emoções nos aguardavam. A caravana missionária parte animada do propósito de levar um

pouco de carinho e de esperança às crianças internadas no Hospital de S. Paulo.

No lindo palco iluminado onde outros agrupamentos apresentaram danças e variedades, oferecemos nós uma mensagem de alegria santa que a todos agradou. No final do programa o Pastor Sincer ouviu palavras de sentido reconhecimento proferidas pelo Director do Hospital, Ex.^{mo} Snr. Dr. Castelbranco, a quem os cânticos, as poesias e os comentários impressionaram profundamente. Somos felicitados pelo corpo clínico, pelo snr. Administrador e por alguns funcionários.

Depois, na companhia da Irmã Milagre, que nos vai contando a história triste de cada doentinho, de cama em cama, depondo em largas dezenas de mãozinhas infantis, a nossa singela lembrança de Natal: um avião, uma boneca...

Que a oração do Pastor Sincer, ali proferida, tenha ascendido ao trono do Pai amantíssimo. Sim, que o Senhor abençoe a luta titânica que se trava naquele Hospital, dia e noite, para arrebatar das garras da morte os pequenitos que ali vimos, alguns em estado desesperado, e muitos outros que infelizmente por ali hão-de passar.

Na tarde do mesmo dia, as escadas que levam à redacção de «A Provincia de Angola» estremeceram sob os passos nervosos da nossa caravana. Queríamos apresentar as saudações da Igreja Adventista de Luanda à Redacção daquele bem conceituado jornal. Recebidos na própria sala de trabalho, foram-nos apresentados, um a um, todos os redactores presentes, e ali deixámos a expressão do nosso sentir. O coro cantou «Tudo é Paz» e «Glória a Deus nas alturas». Dificilmente esqueceremos quem tão respeitosa e comovidamente nos escutou, de pé, por detrás das suas mesas de trabalho.

Na manhã de 2.^a feira podíamos ler numa das páginas de «A Provincia de Angola»:

«CORAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA»

«Ontem à tarde, o Grupo Coral da Igreja Adventista do Sétimo Dia teve a gentileza de visitar a Redacção deste Jornal, a fim de apresentar cumprimentos de Boas-Festas.

Presentearam-nos ainda, com algumas bonitas canções alusivas à quadra do Natal, entoadas por adultos e crianças, numa demonstração de solidariedade humana, que muito nos apraz registar.

Aos votos que formularam de Feliz Ano, correspondemos, gratos pela inesperada presença, que a todos cativou».

Domingo, 4 de Janeiro de 1970. São cerca de 17 horas.

O aspecto do edifício a que nos dirigimos é naturalmente sombrio.

Objectivo? «Proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos». A Igreja Adventista de Luanda entra na Cadeia Civil da capital Angolana. Vai falar de amor, de paz, de esperança. Vai falar de arrependimento e de perdão. Vai abrir a Palavra de Deus perante as autoridades locais e as centenas de reclusos que enchem o recinto, as varandas e as escadas.

O programa começa. O silêncio é impressionante. Distinguem-se nitidamente os sons dos cânticos, cuja suavidade adoça o ambiente austero que pesa sobre cada um de nós. A mensagem de Jesus desprende-se dos nossos lábios impuros e vai, de coração em coração, evolva-se e vai talvez de cela em cela a despertar, quem sabe, algum preso «já sem esperança nem apego à vida!

Recordamos os votos formulados: Que Jesus liberte a cada um, das cadeias e dos grilhões de Satanás, autor de toda a tentação e de todo o infortúnio. Que a mensagem de Belém transforme os corações arrependidos e faça que as sentinelas da Cadeia, nas vigílias da noite, ouçam orações em vez de improperios, hinos de louvor, em vez de lamentações!

Visivelmente emocionado o Senhor Director da Reclusão agradeceu ao Pastor Sincer o programa apresentado que ele considerava de grande elevação espiritual.

E assim terminou uma série inesquecível de visitas que o Departamento Missionário pôde ter a honra de efectuar a alguns Organismos e Instituições Públicas onde o bom nome e os ideais da Igreja Adventista do Sétimo Dia são hoje melhor conhecidos e respeitados.

A Direcção da Sociedade Missionária.

Teriam os Católicos canonizado a Sr.^a Ellen White?

Continua na pág. 10

canonizada se tivesse pertencido à Igreja romana.

«Não há dúvida que suas visões tiveram uma tal influência sobre os seus correligionários que a Senhora White esteve à altura de desempenhar um papel preponderante na Igreja, sem no entanto possuir qualquer função oficial. A sua missão foi a de uma mensageira de Deus. Por seu intermédio, os fiéis estiveram em contacto com o Ser divino. Isto explica o lugar de honra que a Senhora White ocupa na Igreja Adventista. Apesar desta elevada posição, nunca sucumbiu à tentação de se elevar acima dos outros mortais, como aconteceu noutros movimentos religiosos. Considerava-se como uma simples serva, e nunca reclamou para si as honras que só a Deus são devidas.

«Os adventistas, ainda hoje são influenciados pela vida e escritos da Senhora White. Enquanto conservarem esta herança o seu futuro está assegurado».

Dr.^a Irmgard Simon

«Die Gemeinschaft der Siebenten-Tags Adventisten in volkskundlicher Sicht» ps. 62-72

EXTREMISMOS NA IGREJA

«O desejo e plano de Satanás é introduzir entre nós pessoas que vão a grandes extremos; pessoas de mente estreita, críticas, e incisivas, e muito tenazes em sustentar seus próprios conceitos sobre o que é a verdade. Serão muito exigentes e buscarão impor deveres rigorosos, exagerando muitos assuntos de somenos importância, ao passo que descuidam matéria de mais peso da lei — o juízo, a misericórdia e o amor de Deus... Por causa desses obreiros considerar-se-á a obra da verdade indigna de atenção». — Ellen G. White, *Review and Herald*, 29 de maio de 1888.

«Alguns haviam estado a trazer falsas provas, e transformando em critério único suas próprias idéias e noções, exagerando assuntos de pouca importância até torná-los em provas de discipulado cristão, e impondo cargas pesadas aos demais... Alguns faziam do vestuário assunto da máxima importância, criticando peças de roupas usadas por outros, e sempre prontos a condenar qualquer pessoa que não lhes seguisse exactamente as idéias... Estes homens unilaterais nada mais vêem além dessa coisa única que se lhes encasquetou na mente».

— Ellen G. White, *Historical Sketches*, pág. 212.